

Resenha

A TARTARUGA E A LIRA : O MITO PARA ALÉM DA NARRATIVA?

Tiago da Costa Guterres¹

O que é um mito? O que está por trás de seu nascimento? Qual sua relação com as coisas, com o mundo material em torno daqueles que o criam? Estas são questões que, se não são totalmente respondidas, ao menos perpassam o livro de John Scheid e de Jesper Svenbro. O primeiro, especialista da Roma antiga, o segundo, helenista. Ambos decidiram reunir e desenvolver seus textos de seminários comuns na *École pratique des hautes études* (Paris) de meados dos anos 1990, além de um apêndice ao *Collège de France* de 2003.

O leitor acostumado a pensar a categoria mito apenas como uma narrativa ficará um pouco surpreso. Pois esses “*mytheux*”, como os definem seus autores, esse apanhado de textos apresenta uma interpretação bastante particular que suscita importantes questionamentos a respeito da categoria. Um objeto poderia constituir um mito? Em outras palavras, seria possível a existência de um mito desprovido de uma dimensão narrativa? Ou, de um modo um pouco mais complexo, qual a relação entre as coisas, os nomes próprios e as narrativas míticas? Para explicar essas relações os autores apresentam alguns exemplos no decorrer dos seis capítulos, de diferentes períodos, a partir de diferentes fontes, como autores gregos e latinos. Seu ponto de

¹ Bolsista CAPES, doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob orientação do Prof. Dr. Anderson Zalewski Vargas. Bolsista da CAPES – Proc. n.º BEX 9961/14-3 na Université de Toulouse II – Jean Jaurès, sob a direção do Prof. Dr. Pascal Payen.

partida é o mito da oliveira, trabalhado antes por Marcel Detienne², a quem o livro é dedicado. Espécie comum no Mundo Grego, essa árvore estimulou o desenvolvimento de múltiplas representações. A oliveira encontra-se no centro de uma configuração ao mesmo tempo econômica (seu papel na economia grega), religiosa (relação entre a oliveira e Atena) e política (p.11). A partir da constatação de sua dimensão física, pode-se questionar a afirmação corrente do mito como resumido a uma “narrativa fabulosa”.

Desde o intrigante título do livro, a menção aos objetos físicos como a tartaruga e a lira põe em evidência os elementos que antecedem os mitos em seu caráter narrativo. A lira, instrumento musical que remete à poesia, tinha como base o casco de uma tartaruga. Apenas a paradoxal existência de um objeto gerador de som ser construído a partir do casco inanimado de um animal *anaudos* – portanto não gerador de som – já poderia desempenhar certo papel na construção de um mito³. Não havia unanimidade, entre os antigos, de como esse instrumento foi criado. Sua invenção remete a Hermes, a Orfeu, a Anfion ou a Kerambos, segundo Antoninus Liberalis. Este último conta (*Metamorfoses*, 22) que Kerambos insultou as ninfas, afirmando que estas não eram filhas de Zeus, e por isso foi transformado em um escaravelho, *kerambux* em grego⁴. Esse inseto tem por característica sua cabeça em forma de lira (ou algo que lembra uma). Para Svenbro e Scheid, tudo se passa como se o herói da narrativa portasse um nome que caracteriza ao mesmo tempo a lira que ele tocou durante sua existência enquanto poeta, e o inseto no qual ele foi transformado. Mas é aí que reside o problema para os autores. A associação é construída do ponto de vista da narrativa. É nela (que é também a lógica da leitura) que o poeta Kerambos é

² DETIENNE, Marcel. L'olivier: un mythe político-réligieux. *Révue de l'histoire des réligions*, tome 178 n°1, 1970. Pp 5-23.

³ A tartaruga ocupa uma importante posição de interesse simbólico, entre o mundo animal e o mundo mineral (p. 102). A começar por seu caráter paradoxal: trata-se de um ser vivo que habita um ser inanimado, parecida com uma pedra, em todo o seu silêncio. Esse mesmo casco pode ser utilizado na construção de uma lira, instrumento diretamente ligado à poesia, diretamente ligada ao som.

⁴ Nome científico *Lucanus cervus*, *lucane* no original francês do livro; em português também é conhecido como *vacaloura*.

transformado em *kerambux*, o escaravelho liriforme. Nesta perspectiva, o poeta é anterior aos escaravelhos, enquanto que na perspectiva da *mitopoiésis* (a criação dos mitos) o nome do inseto é anterior à invenção do personagem. O inseto sempre esteve lá, e alguém algum dia questionou sua semelhança com a lira. Eis que surge a narrativa.

Para terminar, limito-me a algumas observações. *Primeira*: a riqueza que possui o nome próprio entre os gregos, sua possibilidade de re-significação, dado seu caráter polissêmico e sua ambigüidade semântica, como no caso de Kerambos, mas também de muitos outros nomes gregos⁵. E é daí que vem sua força, na medida em que eles permitem exegeses sucessivas para a compreensão de seu significado (p. 24). *Segunda*: talvez o leitor fique um pouco incomodado com as liberdades tomadas pelos autores no que diz respeito a algumas associações, que por vezes parecem não respeitar marcos temporais como os de anterioridade e posteridade. Trata-se, inclusive, de uma característica dos textos de Svenbro, que tanto podem ser admiradas ou tratadas como “excesso de imaginação” (nesta pequena resenha prefiro ressaltar o caráter reflexivo do livro). Quanto a isso, os autores explicam (p. 215-216) que não se pode afirmar que haja uma época mais fértil na Grécia para a criação dos mitos. Não se trata de um período anterior, o da invenção, seguido de um período de exegese, por isso não haveria problema em apresentar casos do período Clássico, Helenístico ou mesmo da Roma imperial. *Terceira*: o livro *La tortue et la lire* surge para complexificar e enriquecer um pouco mais nosso conhecimento acerca do mito ao apresentar a noção de *démarche générative* para qualificar a relação que liga um objeto simbolicamente significativo e a narrativa que resulta dele (p. 16). Embora não se trate de uma pesquisa que vise desvendar sua natureza: a ênfase é concedida ao seu sentido mais pragmático, de modo que se possa compreender sua construção, sem estabelecer teorias generalizantes.

⁵ Quanto a isso, as pgs 19-27 (sobre o nome de Édipo e de Filoctetes), e o capítulo 6 “*La force du nom*” (pgs. 159-214) são essenciais. Para o mito de Kerambos na versão de Antoninus Liberalis, ver o apêndice 1 do livro, pgs. 221-222.

Os autores de *La tortue et la lyre* não deixam de sublinhar seus débitos com Marcel Detienne, e também não hesitam em marcar seus distanciamentos: Claude Lévi-Strauss, para quem o mito depende da língua apenas de maneira acessória, e Paul Valéry, para quem o mito não parece ter nenhuma existência fora da língua (p. 191). Assim, o livro que o leitor recebe inicialmente apenas como um apanhado de artigos e palestras resulta em algo um pouco mais profundo, sem perder a prudência. Num cenário marcado pelo triunfo da narratologia no domínio do mito, Scheid e Svenbro apresentam um trabalho no mínimo inquietante. Enfim, é preciso lê-los para refletirmos acerca do mito, para além da narrativa.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

SCHEID, John ; SVENBRO, Jesper. *La tortue et la lyre - Dans l'atelier du mythe antique*. Paris, CNRS Éditions, 2014, 229 p. ISBN : 978-2-271-07883-4.